



TRANSIÇÃO PARA A PATERNIDADE: ENVOLVIMENTO PATERNO NA GRAVIDEZ, PARTO E PÓS-PARTO

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos

Professor do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal)

luciacvm@oi.com.br

FITERMAN, Hannah

Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea

(UCSal)

hannahfiterman@hotmail.com

175

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre a transição para a paternidade. Utilizando a metodologia qualitativa, exhibe resultados de uma análise de uma entrevista longitudinal realizada com um homem que vive pela primeira vez a experiência de ser pai. O sujeito entrevistado foi encontrado numa clínica de obstetrícia que atende população de classe média alta da cidade de Salvador (BA) acompanhando sua esposa que estava grávida. O objetivo deste trabalho é analisar como se dá ou não o envolvimento paterno nos períodos da gravidez, no parto, nos primeiros dias de nascimento da criança e nos três meses do bebê. Os resultados indicam importantes mudanças na vida do homem quando se torna pai e sugerem diversas adaptações por parte do mesmo, que passa a assumir novos papéis na família. Discutem-se algumas questões sobre o que favorece e o que dificulta o envolvimento paterno.

Palavras-chave: Parentalidade. Paternidade. Envolvimento

ABSTRACT

This paper presents a case study about the transition to parenthood. Using the qualitative methodology, shows the results of an analysis of a longitudinal interview with a man who lives for the first time the experience of being a father. The father was found in a clinical midwifery that meets high population of the city of Salvador (BA) middle class, accompanying his wife who was pregnant. The objective of this work is to analyze how or do not give father involvement during periods of pregnancy, childbirth, the first days of the child's birth and the three months baby. The results indicate important changes in human life when it becomes father and suggest various adaptations from the same, which shall assume new roles in the family. It is discussed some questions about what fosters and what hinders the parental involvement.

Key-words: Parenting. Fatherhood. Involvement



1 INTRODUÇÃO

Vê-se a importância de discorrer sobre a transição para a paternidade, tema que está sendo explorado na sociedade brasileira inclusive pelos meios de comunicação em massa, como a televisão, que têm capacidade de introduzir valores nas relações humanas e influenciar nas construções de papéis. Conforme Bastos et. al. (2013), a paternidade contemporânea é complexa e diversa, podendo variar amplamente devido à condição socioeconômica, o nível educacional do pai, o relacionamento que o pai teve com a família de origem, como eram os tipos de brincadeiras dos pais, como foi o contato anterior que o pai teve com outras crianças, o relacionamento entre o pai e a esposa, entre o pai e o filho, as características pessoais tanto do pai quanto do filho, pois há uma influência recíproca entre eles, a idade de ambos, sexo da criança, que vai se constituindo ao longo do tempo e se resignificando a cada momento.

No Brasil, a chegada de uma criança na família muda a dinâmica familiar toda, muda o foco da família, produzindo um novo movimento em todos os seus membros. Os pais estão apenas começando a falar sobre como é tornar-se pai. O envolvimento do pai na vida da criança está relacionado ao seu lugar dentro do sistema familiar, que confere ao mesmo um significado e importância particulares, e a aspectos da cultura na qual a família está inserida (CERVENY, 2000). Dessen e Lewis (1998) sugerem que as diferenças observadas no comportamento de mães e pais podem ser o produto de suas diferentes reações ao processo de ser observado, mais do que de suas diferenças sexuais. O pai também passa por profundas mudanças na gravidez e merece atenção.

Neste trabalho, serão enfatizadas as pesquisas sobre envolvimento paterno no período da gravidez, parto e pós-parto do(a) filho(a) primogênito(a).

2 REVISÃO DE LITERATURA

A chegada do bebê exigirá novos comportamentos por parte dos pais e outras pessoas que possam auxiliar no cuidado do bebê. Lamb (2000) salienta que o engajamento do pai com seu bebê será influenciado pelo lugar que o bebê ocupa em suas projeções imaginárias. De acordo com Favarato e Gagliani (2008), diversas histórias antecedem a chegada do bebê e



influenciam significativamente seu desenvolvimento futuro, diante das inúmeras expectativas depositadas na gestação. O bebê já se faz vivo simbolicamente na vida dos pais muito antes de sua concepção: ele é uma promessa, terá que ser o mais bonito e o mais saudável para realizar todos os sonhos e planos dos pais que estão sendo feitos ao longo do período gestacional.

Grande parte dos pais de primeira viagem constroem ideias sobre o significado da paternidade baseados em experiências com as suas famílias de origem e nos conceitos que são definidos pela sociedade. O homem, durante a gestação de seu filho primogênito, com todas as expectativas sobre a paternidade, busca formas de como ser um “bom pai”. Padrões de comportamento na sociedade ditam um homem mais participativo no cuidado com os filhos, mas conforme os estudos de Lyra (2008) faltam recursos e políticas, inclusive para ajudá-lo a obter tais padrões, levando em consideração as singularidades de cada família, até para auxiliar os pais a refletirem e colocarem em prática seus deveres e também os seus direitos. É importante resgatar que ainda existe no Brasil uma cultura que não garante aos homens seus direitos para efetivamente fazerem-se presentes na vida das crianças.

A presença do pai no momento do nascimento é considerada um novo fenômeno social (PICCININI et. al., 2004). Tradicionalmente, o homem não participa nem acompanhando sua parceira nas visitas médicas durante a gravidez, nem na hora do parto, nem tem a coragem de expressar seus verdadeiros sentimentos que a gravidez da parceira e o nascimento do filho criam nele. Isso provoca tensão entre o homem e a mulher. Entretanto, se o pai for bem sucedido na adaptação à sua nova função, ele vai sentir vontade de cuidar da criança, ter confiança em ser o pai e compartilha suas sensações e expectativas sobre a gravidez com sua parceira (URIKO, 2011). O comportamento de adaptação e processos de desenvolvimento para os homens durante a gravidez é tão complicado como para as mulheres e necessitam de mais investigação.

A Lei do Acompanhante, nº 11.108, de 7 de abril de 2005, consiste em “garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS”. Hospitais do SUS em todo o Brasil estão descumprindo a lei federal que garante às gestantes o direito de ter um acompanhante antes, durante e depois do parto.

Em 2012, uma pesquisa realizada pela ouvidoria da Rede Cegonha com 54 mil mulheres mostrou que 64% não tiveram esse direito atendido. Os serviços de saúde alegam falta de



espaço físico adequado para garantir a privacidade das gestantes e que o acompanhante pode atrapalhar o procedimento, mas a presença do acompanhante tranquiliza a gestante, deixando-a mais segura e facilitando o trabalho de parto. Segundo Tyrrel (2001), o parto humanizado se destaca em trazer o acompanhante e essa presença do pai pode ajudar a mãe que está tensa e ansiosa a sentir mais acolhida.

Para Tomereli (2007) o pai está envolvido emocionalmente no parto. Na sala de parto o pai pode estabelecer uma interação com o filho no que concerne a amá-lo, embalá-lo, toca-lo, segurar no colo, sorrir-lhe, olhar o que de si vê no bebê. No entanto, o pai pode também estar apreensivo, inseguro, assustado, desenvolvendo fantasias de que estará sempre em segundo plano com o nascimento do bebê, criando uma espécie de ciúmes do filho, com medo de traição quando não encontra semelhanças entre ele e o bebê.

Homens e mulheres aprendem a serem pais e mães na vivência, no cotidiano, no contato com o filho, reconhecendo aos poucos as necessidades do bebê. Beltrame e Bottoli (2010) procuram compreender como, na atualidade, se dá o envolvimento paterno na criação do filho. Seus resultados indicam que o pai busca através de seus próprios parâmetros, pautados em questões transgeracionais, construir uma relação baseada no desejo de realizar trocas afetivas com seus filhos, juntamente com o que a sociedade lhe exige. Esses autores relatam a importância de olhar para o singular, sem ater-se às generalizações, pois para cada sociedade, família, casal e indivíduo existem crenças, valores e afetos que tornam o envolvimento paterno inusitado. O pai da atualidade não quer copiar padrões antigos, nem mesmo quer ocupar o lugar da mãe.

Como indicado por Lamb et al. (1985), os homens parecem tão competente como as mulheres na atenção básica do bebê, mas eles têm sido muitas vezes negados à exposição (através de babás, economia doméstica ou classes da vida familiar, e revistas femininas) para as habilidades necessárias para o sucesso em e gozo de cuidado da criança.

Nos estudos de Gomes e Resende (2004), o pai é apresentado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real. Vê-se a importância da figura paterna no processo de desenvolvimento, especialmente no primeiro ano da criança, para que ela construa dentro de si imagem positiva das trocas afetivas durante o desenvolvimento da personalidade.

Nos estudos psicanalistas, o contato físico entre o bebê e o pai, no cotidiano, aponta para a organização psíquica da criança, devido à sua função estruturante no desenvolvimento do ego.



O pai real ganha valor quando “a criança o percebe enquanto desejo da mãe e objeto daquilo que o filho está apto a apreender dele, estabelecendo uma dialética” (GOMES; RESENDE, 2004, p.121). Essa interação pai-bebê facilita a transição da criança da família para a sociedade, oferecendo condições de desenvolvimento social favorável à criança, que se desprende da estrutura doméstica confortável proporcionada pela mãe e sente-se mais segura para explorar o ambiente. Há muitos comentários sociais a respeito das mudanças nos papéis paternos, mas poucas evidências que os apoiam (DESSEN; LEWIS, 1998).

A paternidade é abordada segundo o modelo tradicional, provedor financeiro da família, e os novos modelos de pai, amoroso e cuidador. Nesse sentido Gomes e Resende (2004) levam a teorizar que o pai que transita entre valores novos e arcaicos, reinventando o seu papel com uma nova postura de pai.

3 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre a transição para a parentalidade. Utilizando a metodologia qualitativa, exhibe resultados de uma análise de uma entrevista longitudinal realizada com um homem que vive pela primeira vez a experiência de ser pai. O trabalho foi aprovado no Comitê de Ética da Maternidade Climério de Oliveira, como critério primordial para a efetivação do mesmo. Após a aprovação do estudo em tal comitê, foi realizada a coleta de dados. Além disso, foi colocado como critério de exclusão que o feto gestado fosse o(a) primeiro(a) filho(a) do referido homem. Assim, o pai entrevistado se encontrava em tal condição e aceitou em colaborar com o estudo assinando o termo de consentimento livre e esclarecido e participando de entrevista gravada em três momentos: durante o terceiro trimestre de gestação, uma semana após o parto e três meses após o nascimento do bebê. Ao pai, foi pedido que ele relatasse sobre sua referência de paternidade, a representação que ele tinha de paternidade, o que ele vivenciou ao tornar-se pai, dentre outras questões. De acordo com Yin (2001), o estudo de caso tem como vantagem novas descobertas, enfatizando as multiplicidades da dimensão de um problema e como limitação a dificuldade para generalizar os resultados obtidos, destacando-se, portanto, ao estudar uma unidade bem delimitada e contextualizada, analisando o que o caso representa dentro do todo.



4 O ESTUDO DE CASO

Benjamin, 30 anos, Casado, Católico, Médico Pediatra, homem pertencente à classe média alta da cidade de Salvador – BA, mora com a esposa e a filha de três meses. Apenas ele trabalha e a esposa estudava, mas parou de estudar no último trimestre da gravidez. Ele não pensava sobre o fato da esposa não ter emprego quando se casou, mas agora pensa na possibilidade da esposa não trabalhar fora de casa para cuidar dos filhos, pois não quer ter empregada cuidando dos filhos. Benjamin passou sua infância com os pais e quatro irmãos, ele era o mais velho. Durante a adolescência, os pais se separaram e Benjamin foi morar com o pai. Nessa época, Benjamin já estava cursando a faculdade e só saiu da casa do pai quando se casou. Ele tem como referência de paternidade seu pai biológico, que o educou e que é um homem muito correto, principalmente em relação aos valores, mas falhou em autoridade. Portanto, Benjamin também trás como referência de paternidade um padre da igreja que frequenta, pois o padre cuida dele e assume essa função de autoridade na vida dele. Para Benjamin, família é pensada como um núcleo, com pai, mãe e filhos que moram juntos e dividem a vida. Ele teve um filho que considera que faz parte de sua família, junto com sua esposa e sua filha, mas o filho, que inclusive já tinha nome, não vingou os três meses de gravidez. Seu desejo de ter filho homem continua e, portanto, ele pretende ter mais filhos. Benjamin acha que a função do pai é ter filho, que também é uma das funções da família. A família de origem dele era grande e por isso ele sempre desejou ter a casa cheia. Para Benjamin, ter filhos é a missão que o ser humano tem no mundo, a de povoar o mundo, e que é preciso educar os filhos porque o mundo está cheio de gente doida. Descobriu que sua esposa estava grávida observando as mudanças corporais nela como, por exemplo, os seios que aumentaram de tamanho e pediu que ela fosse fazer o teste, afirmando que ela estava grávida. Durante a gravidez de sua esposa, Benjamin a ajudou nas atividades domésticas, pois percebeu que sua esposa estava muito instável emocionalmente, numa situação mais frágil, com uma barriga enorme que a dificultava inclusive para levantar da cama e ele tentava dar suporte, dar segurança afetiva para ela ver que ele estava presente, do lado dela. Benjamin começou a almoçar todos os dias em casa depois que soube que iria ser pai, comportamento que não acontecia antes só com o casamento e que ele nem se preocupava. Naquele momento o foco saiu do trabalho, saiu da carreira e foi para a filha. Benjamin tentava acompanhar as ultrassonografias e as consultas da esposa ao obstetra e sua esposa fazia questão



que ele estivesse junto. Ele conversava e brincava com a filha na barriga. Quando tocava piano para ela, percebia que ela se mexia e antes de sair de casa para o trabalho ele a abençoava. Nas conversas com outras pessoas, Benjamin dizia que estava grávido, que iria parir tal dia, mas depois ele dava-se conta que quem iria parir era a mulher dele. Ele ficava conversando com a filha para ela virar logo para sua esposa ter parto normal. Benjamin estava ansioso, com expectativas de como seria o parto. Primeiro Benjamin se descobriu como marido e depois como pai e essas novidades na vida dele ajudaram-no a se descobrir inclusive como homem.

No dia do nascimento da filha, Benjamin estava tranquilo demais, acreditava que era pelo fato de já ter visto outros partos e por saber que a esposa dele estava com uma boa obstetra. A esposa entrou em trabalho de parto e não deu tempo de internar e ela teve a filha na emergência devido às burocracias do hospital, que era privado. O parto foi normal, a sogra entrou para fotografar e Benjamin cortou o cordão umbilical, que foi um pedido da obstetra. A esposa estava com muita dor e um pouco assustada porque nunca tinha passado por isso e ele estava tentando dar segurança para ela, falando para ela se acalmar. O hospital foi muito intervencionista. No início, foi muito estranho para Benjamin. Ver a filha foi uma surpresa e teve um estranhamento. Reconhecer seus traços, sua fisionomia nela. Devagarzinho ele foi se apegando ao bebê e conhecendo, porque ela era uma ilustre desconhecida, depois ele foi percebendo que ela colocava a mão igual a como a viu fazendo no ultrassom. A filha parecia com ele, mas puxou à personalidade da esposa, que reclama pouco, mas quando reclama é um estardalhaço. Para Benjamin, o nascimento era um milagre, que em um momento o bebê estava dentro de sua mulher e no outro, como um passe de mágica o bebê sai de lá de dentro e começa a chorar e a comer. Naquela hora ele era o pai e cortar o cordão umbilical teve todo um simbolismo, que ele estava ajudando o parto acontecer e a médica fez questão que ele participasse desse momento. O pezinho que ele sentia chutando, depois do nascimento, Benjamin pegava no pé. Ele estava carregando um cristalzinho, bem frágil e que ele tinha que cuidar. Como ele já tinha carregado várias crianças no colo em sua profissão, sua esposa era quem tinha dificuldades para carregar a filha e ele tentou ajudá-la. Benjamin teve dificuldades para armar o bebê conforto. No mesmo dia que teve alta do hospital, já foi à pediatra.

Nos primeiros dias do nascimento a sogra foi morar na casa deles para dar apoio. A esposa teve muita dificuldade para amamentar, pois a filha nasceu com a língua presa, grudada na base da boca, o que machucava muito os mamilos da esposa. Sobre a língua presa, fez uma cirurgia



na criança e corrigiu. Mas precisou parar de amamentar e montou o banco de leite em casa e Benjamin ficou dando o suporte, esterilizando os objetos, colhendo o leite, armazenando o leite, esquentando o leite e mantinha as coisas da casa em ordem. A esposa sofreu muito porque ela queria amamentar e a esposa falava que o cheiro da filha estava diferente depois que ela parou de amamentar, pois, mesmo com a bomba elétrica, não saía leite suficiente e precisou dar o leite recomendado pela médica e frequentar uma clínica especializada em amamentação que contava com doulas, profissionais especialistas, que tiravam as dúvidas das mães. Benjamin ficou ansioso também, mas aprendeu a dar suporte, primeiro afetivo e depois de condução, pois a esposa e a sogra travavam quando algo dava errado, ficavam desesperadas, não sabiam o que fazer. Ele deixava a esposa dar o leite para ajudá-la a se sentir mãe, a esposa estava muito insegura, mas como ela passava muito tempo para ordenhar o leite, mesmo com auxílio, ele dava o leite na mamadeira e era o “arrotadouro”, pois sempre punha a filha para arrotar e ele achava uma delícia, pois era a filha dele, que era um pedaço dele, nasceu da esposa dele e que ele está cuidando. Para ele foi um novo papel, de alguém que dá suporte para que as coisas funcionem. A sogra auxiliava a arrumar a casa, a cozinha e as roupas do bebê e na hora de dar o banho e uma amiga da esposa foi visitá-la e a tranquilizou muito ela porque também tinha passado por dificuldade de amamentação, a pediatra também ajudou bastante, teve uma enfermeira que ajudou na amamentação e eles tinham uma diarista para arrumar a casa. Ele falava com a sogra “quando sua filha era pequena a senhora fazia como?” tentando trazer a sogra para participar dos cuidados do bebê porque a esposa a deixava de escanteio. Benjamin relata que devido o fato dele ser pediatra, tudo a esposa perguntava para ele, solicitava a ele, e a sogra deu a entender que não gostava disso. Então ele deixou a sogra na incumbência de dar banho na criança para ela exercer o papel de avó dela e ele limpava a banheira depois. Benjamin acordava de noite e trocava a fralda da criança para a esposa descansar, mas relata que a esposa era mais sensível aos ruídos do bebê. Não é sempre, mas quando a esposa demandava, ele ia cuidar da criança. Já pela manhã, ele cuidava do bebê por vontade própria. Ele colocava a filha no bebê conforto próximo do piano e ela gostava quando ele tocava e ele percebeu o quanto foi importante tocar para ela desde a barriga da mãe, para ela já começar a reconhecer o pai. Benjamin relata que fazia com a filha o martinez, falando parecendo um mongoloide, colocando as palavras no diminutivo, por exemplo, “minha filhinha papai vai te dar leitinho” o que ele não fazia com as crianças que ele atendia no trabalho. A criança ainda estava muito



novinha para responder a brincadeiras e a esposa fica mostrando a filha quando dá risada e ele sabe que é apenas reflexo, mas adora quando ela dá risada e pensa que ela já está respondendo a eles. Ele virou pai e mãe, mas relata que ele não consegue sozinho e nem a esposa consegue sozinha, um ajuda o outro. Ele se sentiu o provedor financeiro, organizacional e afetivo, num trabalho de retaguarda, dando suporte para a esposa. Tinha tarefas que cabiam a Benjamin e que eram diferentes das que cabiam à esposa dele.

Os primeiros meses se passaram e Benjamin não tinha antes a noção do quanto era cansativo cuidar da filha, mas era um cansaço que o deixava feliz. Para dar conta das tarefas da casa, contratou uma empregada doméstica. Ver a filha tendo comportamentos que lembram a ele fazia ele se sentir pai e que precisava lidar com uma pessoa que tinha vontade própria, que chorava quando queria alguma coisa, que sorria quando estava feliz, que interagia e que já se expressava. A filha era uma pessoa que precisava ser educada e Benjamin tinha que acostumar ela a dormir na hora exata e contava histórias para que ela se acostumasse com a língua. Era uma aventura e Benjamin precisou aprender a se doar, de tempo principalmente. Para ele, amar é se sacrificar mesmo. Ele tem café da manhã com a filha e a noite a criança fica mais com a esposa, mas ele a põe para dormir. A esposa fala que Benjamin brinca bem mais com a filha e Benjamin acha que é para tirar o atraso do tempo que ele fica no trabalho. As expectativas que ele tinha não correspondiam com a filha real e ele foi aprendendo a amar a filha, não era um sentimento automático. A filha demanda muito mais dele do que ele imaginava. Ele não tinha noção da intensidade do que era ser pai e relata que na hora de dormir, a filha nem sempre queria dormir e ele tinha que ficar acordado, com ela no colo e esse sacrifício era recompensador, era padecer no paraíso. Para Benjamin, ser pai era ser autoridade com a filha e para ele era difícil, mas a esposa de Benjamin já solicitava isso dele. Agora com a filha crescendo, preocupa-se com a educação dela.

5 ANÁLISE DE DADOS

Para compreensão do caso estudado foram investigadas características pessoais como idade, religião, estado civil, renda familiar na intenção de descrever quem é esse pai. As



investigações perpassaram pela história da família de origem do pai entrevistado para entender quais as referências, os valores e os significados que ele tem de paternidade.

Posteriormente, no terceiro trimestre da gravidez de sua esposa, na primeira semana após o parto e nos três meses do bebê, o pai entrevistado relatou sobre como se deu seu envolvimento em cada momento vivenciado. Sua narrativa permitiu responder qual o lugar do pai na família. O pai entrevistado acompanhou o desenvolvimento da criança na barriga da esposa dele, vivenciou um estranhamento no parto, reconhecendo aos poucos os traços do bebê. Foi aprendendo a amar a filha e a lidar com um novo ser inusitado e surpreendente a cada momento, com vontade própria.

A amamentação foi trazida como ato que faz a mulher se sentir mãe. O materniz foi apresentado como um comportamento que também é do pai. O papel de provedor e autoritário continua sendo sinônimo de paternidade.

O trabalho no caso apresentado é facilitador da habilidade para cuidar de crianças, mas dificulta o envolvimento paterno devido ao tempo gasto dentro do trabalho e, portanto, longe da filha e da família. O cansaço de cuidar da filha é recompensador, enquanto que o cansaço de trabalhar é estressante e pode trazer repercussões negativas para o envolvimento.

6 RESULTADOS

Os resultados indicam importantes mudanças na vida do homem quando se torna pai e sugerem diversas adaptações por parte do mesmo, que passa a assumir novos papéis na família. O pai que foi apresentado no caso estudado reproduz papéis sociais, ao mesmo tempo que se sente bem num papel que rompe com o padrão tradicional, mostrando o papel de cuidador. No entanto, mesmo alguns papéis que ele deseja mudar e tem consciência do quanto é essencial essa mudança, ele não consegue desconstruir velhos papéis. Dificuldades inclusive para se assumir num papel tradicional. Coexistem modelos tradicionais, modernas e emergentes de paternidade (GOMES; RESENDE, 2004).

Benjamin que é pai pela primeira vez, reflete sobre as tensões, dificuldades e felicidades que ele vivenciou como pai desde a gestação até o momento atual no qual a filha tem três meses de nascida. Embora a sua história sirva de exemplo para o tema da transição para a paternidade,



não representa a vivência de todos os pais no Brasil, como também não representa todos os pais de classe média alta. No entanto, sua história elucida um conjunto de mudanças que têm fascinado a maioria dos estudiosos brasileiros que pesquisam sobre envolvimento paterno.

7 DISCUSSÕES

Este trabalho de metodologia qualitativa descreveu a rotina e os significados da paternidade na gravidez, parto e pós-parto. Discutem-se algumas questões sobre o que favorece e o que dificulta o envolvimento paterno. O envolvimento do pai na vida da criança está relacionado ao seu lugar dentro do sistema familiar, que confere ao mesmo um significado e importância particulares, e a aspectos da cultura na qual a família está inserida (CERVENY, 2000). No estudo de caso, Benjamin relata que o desejo de ter um bebê e as expectativas quanto à filha que ainda iria nascer aumentava o envolvimento paterno durante o parto, como descrevem os estudos de May e Perrin (1985) e de Ferreira, Leal e Maroco (2010). Outro fator que favorece tal envolvimento são as solicitações da esposa para ele participar desse momento de gestação como um estímulo para o pai querer acompanhar o desenvolvimento do bebê. No entanto, o fator crucial é quando o bebê faz algum movimento, chutando a barriga da mãe, e o pai entende que o feto está interagindo e começa a conversar com o(a) filho(a). A presença paterna nos ultrassons, consultas médicas, na escolha de coisas para o bebê favorece seu envolvimento, e no caso estudado o pai diminui o ritmo de trabalho para ficar mais próximo da criança e da esposa.

Conforme Parke (1996), para compreender o comportamento do pai devem-se levar em consideração as ações adotadas pela mãe durante a gravidez. Lidar com a instabilidade emocional da esposa decorrente de hormônios e mudanças corporais próprios da gravidez pode dificultar o envolvimento paterno no período da gravidez, especialmente porque a criança é um ser que o pai ainda não vê e nem sente fisicamente e essa limitação corporal pode se tornar uma barreira para o envolvimento. A rotina de trabalho também pode dificultar o envolvimento.

Durante o parto, o que pode favorecer o envolvimento paterno é a confiança nos médicos, que podem realizar um parto de modo que o pai participe ativamente do nascimento do(a) filho(a). A história pregressa de vida do pai de já ter participado de outros partos ou de ter cuidado de um(a) sobrinho(a) pequeno, por exemplo, e os sentimentos vivenciados no primeiro



olhar, no primeiro colo também facilitam esse envolvimento. O que pode dificultar o envolvimento paterno durante o parto é a dinâmica hospitalar que, se for muito intervencionista e se colocar o pai no papel de visita, o exclui do processo do nascimento do filho e as convenções sociais que muitas vezes colocam o pai num papel secundário relativo aos cuidados do bebê.

Nos três meses do bebê, a presença do pai nos contextos do bebê, o fato do bebê estar crescendo e com maiores possibilidades de interação e ter um bom relacionamento com a companheira favorece o envolvimento paterno. O que novamente pode dificultar é vida social que coloca o pai na órbita desse processo do nascimento, como se o homem ao cuidar do filho fosse competir com a mãe ou deixar de exercer a função paterna, simbolizada pela autoridade, e que ditam o que é próprio da mãe e o que é próprio do pai. A mãe e o pai podem entrar em competição e não conseguir se reconstruir em papéis mais flexíveis.

Os dados mostram o quanto a cultura é norteadora desse processo de nascimento (BASTOS et. al.,2013). O pai entrevistado tem uma representação da paternidade baseada nas experiências correlatas a sua profissão e nos preceitos da religião, mostrando-se um homem pertencente a uma família conservadora. O estudo de caso apresentou um pai que tenta se legitimar no papel de cuidador, que na contemporaneidade assume um valor social, mas se percebe cobrado a desempenhar um papel tradicional quando o papel de cuidador parece incomodar a esposa e o seu entorno social, como se a mãe estivesse perdendo espaço para o pai. Até que ponto o pai entrevistado só está reproduzindo uma cobrança social. A chegada do bebê exige novos comportamentos por parte do pai, da mãe e de outras pessoas que possam auxiliar no cuidado do bebê. O pai entrevistado traz um discurso religioso, que a família é feita para povoar o mundo e que o filho precisa ser educado com convenções sociais estabelecidas.

O pai entrevistado sabia cuidar do bebê e o fato ser participativo e conhecedor das técnicas de cuidado devido o seu trabalho como médico pediatra, o fez sentir que estava incomodando as pessoas em seu entorno ou a atitude dele cuidar da filha estaria mexendo com o papel da mãe e com visões estereotipadas do que é ser pai. Ele sofreu com essas transformações, pois culturalmente estava tomando o espaço da mãe. As dores, os incômodos, os anseios por conta das mudanças corporais e emocionais da mãe respingam no pai. Então ele tentou ajudar a esposa cedendo espaço, deixando de cuidar da filha em alguns momentos para que a esposa voltasse a exercer seu papel materno no cuidado com o bebê, por exemplo, dar leite ou dar



banho. Conscientemente ele assume esse papel de mais distante da criança na frente das convenções sociais, papel de homem, que o desvincula do envolvimento com o bebê. Ele reclama que a convenção social o exclui da vida com sua filha, mas ele como homem acaba tendo que exercer esse papel.

Inicialmente o pai entrevistado vinculou o envolvimento paterno com a experiência profissional dele, depois ele passou por esses preceitos apenas teóricos e ele entrou numa nova significação do que é ser pai. O envolvimento com a filha perpassa pelo processo de aprender a ser pai.

8 CONCLUSÃO

A paternidade contemporânea refere-se a pais mais presentes, envolvidos, mostrando-se amoroso e próximo no cotidiano da família, rompendo com a concepção tradicional que estabelecia distanciamento físico e afetivo. O círculo familiar coloca tarefas novas para os sujeitos e ninguém está preparado para isso. Ser pai e ser mãe não é uma coisa dada, instintiva, mas há um engessamento cultural muito forte de quais são os padrões predominantes nos papéis familiares, criando estereótipos, construindo tabus, naturalizando tais padrões e inibindo as diversas alternativas de ser e se comportar no mundo.

Ainda há muito a ser pesquisado nesta área, particularmente em relação à idade da criança, e variações culturais e socioeconômicas de comportamento parental. Como as mulheres e os homens se sentem sobre si mesmos, em referência à experiência de nascimento do primeiro filho e também como os pais se adaptam às novas demandas da parentalidade e da maternidade tem implicações para a saúde e bem-estar de todos os envolvidos.

Hoje em dia os homens desempenham um papel muito mais importante no cuidado da criança do que costumavam. Investir no envolvimento paterno não favorece apenas a família, mas as empresas e o governo. Ter uma sociedade que abrace a paternidade como importante, como um direito, é também uma decisão econômica.



REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. M. Factor influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*, 3(2), 1996, p. 306-324.

ARAUJO, A. C.; BRITO, R.; CARVALHO, J; SOUZA, N. Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. *Rev. Rene. Fortaleza*, v. 10, n. 3, p. 125-131, jul./set.2009. Disponível em: http://www.revistarene.ufc.br/vol10n3_pdf/a15v10n3.pdf. Acesso em; 06 Nov 2013.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: [http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf). Acesso em: 11 Junho 2014.

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BASTOS, A. C. S.; VOLKMER-PONTES, V.; BRASILEIRO, P. G.; SERRA, H. M. Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds.). *Fathers in cultural context*. New York: Routledge, 2013, p. 228-249.

BELTRAME, Greyce Rocha; BOTTOLI, Cristiane. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, n.32, p.205-226, jan./jul., 2010. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1380/1091>> Acesso em: 25 Set. 2013.

Brasil. *Lei n. 11.108*. Altera a Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Diário Oficial da União 7 Abril de 2005.

BRAZELTON, T.B. *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (J.L. Camargo, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Trabalho original publicado em 1992).

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 13-29.

CARVALHO, Maria Luiza de. O renascimento do parto e do amor. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v.10, n.2, July 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Junho 2014.

CERVENY, C. M. O. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000.



CONDON, J. T. The assessment of antenatal emotional attachment: Development of a questionnaire instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 66, 1993.

DESSEN, Maria Auxiliadora; LEWIS, Charlie. *Como estudar a "família" e o "pai"?*. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, Aug. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1998000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Maio 2013.

FAVARATO, M. E. C. de S.; GAGLIANI, M. L. A atuação do psicólogo em unidades infantil. In: ROMANO, B. W. (Org) *Manual de psicologia clínica para os hospitais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FERREIRA, Liliana Sousa; LEAL, Isabel; MAROCO, João. Sintomatologia de Couvade e o envolvimento paterno vivenciado durante a gravidez. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 11, n.2, 2010. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 Nov. 2013.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 20, n. 2, Aug. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Out. 2012.

GONDIM, Symone; LYRA, Jorge. Mais do mesmo? Imagens cristalizadas de paternidade na literatura acadêmica. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 (ANAIS ELETRÔNICOS), Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1387454579_ARQUIVO_SymoneGondim.pdf. Acesso em 11 Junho 2014.

JABLONSKI, B. Paternidade hoje: uma metanálise. In: SILVEIRA, P. (Org.) *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LAMB, M. E., Exploring and defining early social ecologies and their impact: Mothers, Fathers, families, and cultures. *Marriage and Family Review*, 30, 2000, p. 119-135.

LAMB, M. E.; PLECK, J. H.; CHARNOV, E. L.; LEVINE, J. A. Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25, 1985, p. 883-894.

LEMMER, C. Becoming a father: a review of nursing research on expectant fatherhood. *Maternal Child Nursing Journal*, 16, 1987, p. 261 – 275.

LIMA, M. G. *Representações sociais das gestantes sobre a gravidez e a consulta de en-fermagem no pré-natal*. Tese de mestrado apresentada na Universidade de Brasília. Faculdade de ciências da saúde, 2006.



- LYRA, Jorge. *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas* (2003-2006). 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública).
- MAY, K.; PERRIN S. Prelude: Pregnancy and birth. In: Hanson, M & Bozet, F (eds). *Di-mensions of fatherhood*, pp 6491. Beverly Hills/USA: Sage Publications, 1985.
- MAZET, P.; STOLERU, S. *Manual de psicopatologia do recém nascido*. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- PALKOVITZ, R. Reconstructing “involvement”: Expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families. In A. Hawkins & D. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 220-216). Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- PARKE, R. D. *Fatherhood*. London: Harvard University Press, 1996.
- PICCININI, Cesar Augusto et al. O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-797220040003000003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Nov. 2013.
- RUSTIA, J. G.; ABBOTT, D. Father involvement in infant care: Two longitudinal studies. *International Journal of Nursing Studies*, 30, 1993, p. 467-476.
- TYRRELL MAR. *Programas Nacionais de Saúde Materno-infantil: impacto político-social e inserção da enfermagem*. Rio de Janeiro (RJ): EEAN/ UFRJ; 1, 2001.
- TOMERELI, Keli Regiane; PIERI, Flávia Meneguetti; VIOLIN, Mara Rúbia; SERAFIM, Deise; MARCON Sonia Silva. “Eu vi meu filho nascer”: vivência dos pais na sala de parto. *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, Dez 2007; v. 28, n.4 p. 497-504. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3110/1716>. Acesso em: 06 Nov 2013.
- URIKO, Kristiina. ADAPTATION AT THE POSTNATAL PERIOD AND THE VALUATION OF PARENTAL ROLES. In: VALSINER, J. *Cultural Dynamics of Women’s Lives*, Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2011, p. 271–298.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.